

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ V. 3: PESQUISAS NARRATIVAS, FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) E COTIDIANO ESCOLAR

DOSSIER VOL. 3: NARRATIVE RESEARCH, TEACHER EDUCATION, AND SCHOOL EVERYDAY LIFE

DOSSIER VOL. 3: INVESTIGACIONES NARRATIVAS, FORMACIÓN DEL PROFESORADO Y VIDA COTIDIANA ESCOLAR

Graça Regina Franco da Silva Reis¹

Joelson de Sousa Moraes²

Guilherme do Val Toledo Prado³

A As pesquisas narrativas e (auto)biográficas em educação vêm se afirmando, no contexto brasileiro, como um campo potente de produção de conhecimentos que desloca hierarquias epistemológicas historicamente consolidadas e recoloca a experiência vivida no centro dos processos de investigação, formação e aprendizagem. Ao tomarem as histórias narradas por sujeitos concretos — professoras, professores, estudantes e outros praticantes dos cotidianos educativos — como fonte legítima de conhecimentos, essas pesquisas tensionam a hegemonia de uma racionalidade moderna que, por muito tempo, desqualificou saberes não enquadrados nos parâmetros da ciência normativa.

A pluralidade e multiplicidade que caracteriza esse campo se expressa tanto na diversidade de sujeitos envolvidos nos processos de pesquisaformação quanto nos referenciais epistemopolíticos que sustentam as análises. Trata-se de um movimento instituinte, em constante construção, que reconhece a singularidade das experiências sem dissociá-las de suas inscrições sociais, históricas, culturais e políticas. Nesse sentido, as pesquisas narrativas e (auto)biográficas não se configuram apenas como uma escolha metodológica, mas como uma tomada de posição ética, estética, política e epistemológica diante dos modos de produzir conhecimento em educação.

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ – Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – <https://orcid.org/0000-0002-2420-0985> – francodasilvareis@gmail.com

² Universidade Federal do Maranhão – UFMA – Codó – Maranhão – <https://orcid.org/0000-0003-1893-1316> – joelson.moraes@ufma.br

³ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – Campinas – São Paulo – <https://orcid.org/0000-0002-2415-8369> – gvptoledo@gmail.com

O conjunto de textos que compõe esta seção se inscreve nesse horizonte, assumindo a narrativa como possibilidade de expansão do presente, tal como problematizado por Graça Reis (Reis, 2023). Ao dialogar com os estudos nos/dos/com os cotidianos, esses trabalhos afirmam a necessidade de mergulhar na vida cotidiana com todos os sentidos atentos, reconhecendo-a como um espaço-tempo de criação, conflitos, invenções e produção de saberes. O cotidiano, longe de ser entendido como repetição ou rotina esvaziada de sentido, emerge como campo fértil de experiências singularessociais (Reis, 2022), nas quais se tecem aprendizagens, currículos e processos formativos.

São nesses cotidianos da escola, vida, pesquisa, formação e outros contextos socioculturais vividos por professores(as), alunos(as) e outras tantas pessoas, nos quais circulam e se produzem uma infinidade de saberes, fazeres e modos de ser, pensar e viver que revelam a sua riqueza teoricometodológica, epistemopolítica, criativa e emancipatória, capaz de reavivar mentes, corpos, espíritos e nutrir a existência com mais vigor e vitalidade, porque despertam outras sensibilidades e emoções, movimentam outras rationalidades, despertam paixões e ações éticas, estéticas e solidárias, e também múltiplas invenções entre outras tantas dimensões (re)descobrindo o que há além do visível e vivido e impulsionando a emergência do novo e de outros mundos possíveis pela narração de histórias potentes, criativas e inventivas.

O cotidiano pulsa, forma e transforma o sujeito e sua realidade, cria e mobiliza outros estados de pensamento e ação, e descobre variados modos de pensar a existência humana de mil e uma formas. Desse movimento, entre o que existe e o que se pode inventariar no cotidiano, é que reside o seu poder de inventividade, e com os quais se descortinam em riquezas e potencialidades, como os textos que se apresentam na proposta desse dossier: cheio de surpresas, encantamentos e criatividades, tecidos em uma pluralidade de perspectivas em seu conteúdo-forma, organização-proposição, estética-escrita, atravessados em uma pluralidade de abordagens que entrecortam e buscam capturar a atenção do(a) leitor(a) para se deleitar na leitura dos manuscritos e construir lições, aprendizados e formações.

Em um mundo marcado pela aceleração do tempo, pela intensificação da vida e pela centralidade da informação em detrimento da experiência, narrar torna-se um gesto de resistência. Walter Benjamin (Benjamin, 2012) já advertia para o empobrecimento da experiência humana e para o risco de desaparecimento da narrativa como forma artesanal de comunicação. Ao recuperar a narrativa como partilha de experiências, mediada pela memória,

pela escuta e pela linguagem, as pesquisas narrativas e (auto)biográficas recolocam em circulação modos de conhecer que articulam razão, afeto e emoção, ampliando as possibilidades de compreensão do presente vivido.

Como afirma Ailton Krenak (2020), é narrando histórias que se pode adiar o fim do mundo. Afinal de contas, contar cada experiência vivida no mundo pelas pessoas, além de se configurar em uma revelação singular e subjetiva que é justamente provocadora de transformações e de descobertas do diverso na humanidade, permite alongar, com deleite, emoção e formação, o legado sociocultural de um povo e sua ancestralidade, para combater toda e qualquer forma de exclusão, o que é muito enriquecedor nos tempos atuais, ampliando, de forma considerável o futuro, valorizando o presente pela narrativa, o que faz sentido e é extremamente formador.

Essa ampliação do presente, conforme discutida por Santos (2004), exige o enfrentamento daquilo que o autor denomina razão indolente, responsável por contrair o presente e expandir indefinidamente o futuro, produzindo o desperdício de experiências. As pesquisas narrativas e (auto)biográficas, ao contrário, apostam na sociologia das ausências e das emergências, desinvisibilizando saberes, práticas e histórias que foram historicamente silenciadas ou até consideradas inexistentes. Narrar, nesse contexto, é um modo de afirmar que a história do mundo não é única, nem pode ser contada a partir de um único ponto de vista, conforme indicado por Adechi (2019).

Ao compreender a narrativa como gênero do discurso que revela a experiência vivida a partir das significações atribuídas pelo próprio sujeito, essas pesquisas reconhecem a memória como dimensão constitutiva da formação. A memória não é tomada como simples evocação do passado, mas como movimento que articula passado, presente e futuro, em um tempo que se faz humano pela narrativa, como nos ensina Paul Ricoeur. (Ricoeur, 1994). O chamado —tríplice presente|| — o presente do passado (memória), o presente do presente (visão) e o presente do futuro (espera) — atravessa as narrativas e permite compreender os processos formativos como dinâmicos, inacabados e permanentemente abertos à reinvenção.

Nesse sentido, as escritas de si, tão presentes nas pesquisas (auto)biográficas, constituem-se como dispositivos formativos potentes. Ao narrar suas trajetórias, os sujeitos tomam consciência de seus percursos, revisitam escolhas, ressignificam experiências e projetam futuros possíveis. Trata-se de um movimento reflexivo que se dá sempre em relação com o

outro, uma vez que a formação não é um processo solitário, mas tecido nas redes de relações que atravessam a vida cotidiana, a escola e os diferentes espaços educativos.

Esse processo de tomada de consciência de si tecido pela reflexividade narrativa revela o seu poder de (trans)formação do sujeito que se delineia na constituição de uma subjetividade explosiva com grande potencial enriquecedor na reinvenção de si pela linguagem (Passeggi, 2021).

Por isso que as pesquisas no campo das abordagens narrativas e (auto)biográficas vem ampliando-se, vertiginosamente, no Brasil e no mundo, se tecendo em uma pluralidade de perspectivas teóricas, políticas, epistemológicas e metodológicas, e abarcando várias áreas do conhecimento e do saber, devido ao fato de recolocar o sujeito no centro de debate, ou como preconiza Nóvoa (1992), situando a inseparabilidade entre pessoa e profissional, no caso do(a) professor(a), protagonizando-se em sua existência pelo narrar a sua experiência, na promoção de outras vias possíveis de pensar o si, em suas relações dinâmicas em vários contextos, com variadas pessoas, situações e lugares.

É nesse voltar sobre si pela reflexividade narrativa, em que é possível fazer com que tantas pessoas, em diferentes (entre)lugares que ocupam, se percebam na engenhosa capacidade de pensar a sua existência, buscando tirar lições do vivido, se perceber no presente e se projetar no futuro sob outras peles, camadas e perspectivas.

Como elucida Joso (2010), tecer uma reflexividade na pesquisa biográfica pela narrativa, promove a tessitura de uma epistemologia de formação que é transformadora, na qual é centrada no próprio sujeito pela sua experiência. Esse processo, de pensar um si implicado(a) nos movimentos dos quais participa em sua vida, é produtora de inúmeros sentidos e significados em que tecem uma perspectiva tridimensional nos quais se retroalimentam, rizomaticamente, entre formação, aprendizagem e construção de conhecimentos, potencialmente significativos e valorosos na vida, nas pesquisas, na profissão e nos processos formativos.

Os textos reunidos neste dossiê evidenciam, ainda, uma ética da alteridade que atravessa as práticas de pesquisa narrativa. Inspiradas em Freire (1999) e Bakhtin (2003), as autoras e os autores assumem a escuta, o diálogo e o reconhecimento do outro como legítimo outro como princípios fundantes da pesquisa. Pesquisar, nessa perspectiva, não é falar sobre, mas falar com; não é extrair dados, mas construir sentidos em relação; não é objetificar experiências, mas

acolhê-las em sua complexidade e densidade humana, assumindo os outros em sua radical alteridade e diferenças.

As narrativas apresentadas também revelam o compromisso com a justiça social e cognitiva, ao problematizarem processos de exclusão, desigualdades estruturais e monoculturas de saber que atravessam a educação. Ao trazerem à tona experiências singularessociais, esses textos mostram como as histórias de vida se entrelaçam às condições sociais mais amplas, evidenciando que a formação docente e discente é atravessada por marcadores de raça, classe, gênero e território. Narrar, aqui, é também um gesto político de denúncia, anúncio e reinvenção. Como diz Ferrarotti, —o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos॥ (Ferrarotti, 1998, p. 26).

Ao adotar uma epistemologia mais sensível, como propõe Inês Bragança (Bragança, 2012, p. 30), os textos desse dossier acolhem as múltiplas dimensões da vida e da produção de conhecimento. São escritas que tocam, afetam e mobilizam, produzindo marcas em quem escreve e em quem lê. Nelas, a pesquisa se aproxima da vida, e a vida se torna matéria legítima de reflexão, análise e criação. Trata-se de uma ciência que se permite literaturizar (Alves, 2008), sem perder rigor, e que reconhece a potência formativa da palavra narrada.

Apostamos, portanto, que este conjunto de textos contribui para fortalecer o campo das pesquisas narrativas e (auto)biográficas em educação, afirmando-o como espaço de produção de conhecimentos comprometidos com a democracia, a pluralidade e a dignidade da vida. Em tempos de racionalizações excessivas e de apagamentos da experiência, essas narrativas ampliam o presente, desestabilizam certezas e abrem brechas para outros modos de pensar, pesquisar, formar e existir.

REFERÊNCIAS

1. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Perigo da História Única**. São Paulo, Editora Companhia das Letras. 2019.
2. ALVES, Nilda. Sobre Movimentos das Pesquisas nos/dos/com os Cotidianos. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas** – sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et alii, 2008. p. 39-48.

3. BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003. p. 1-192
4. BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 197-221
5. BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores:** diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788575114698>
7. FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; Finger, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988. p. 17-34.
8. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
9. JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Joso. 2. ed. rev. E ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
10. KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
11. NÓVOA, Antônio (Org.). **Vida de professores**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
12. PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Revista práticas educacionais**, v.17, n.44, p. 93-113, jan./mar. | 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018/5528>. Acesso em: 23 dez. 2025.
13. REIS, Graça Regina Franco da Silva. A pesquisa narrativa como possibilidade de expansão do presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 48, 2023.
14. REIS, Graça Regina Franco da Silva. Singularsocial. In: REIS, Graça Regina Franco da Silva; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patrícia (org.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022, não paginado.
15. RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** – Tomo 1. Campinas: Papirus Editora, 1994.
16. SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente**: um discurso sobre as Ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004. p. 777-821.